

DA MULTIPLICIDADE DE OLHARES PARA O CONCEITO DE PAISAGEM À ATRATIVIDADE PARA O TURISMO

Alini Nunes de Oliveira¹

Resumo: Na Geografia Humana a paisagem é analisada, em determinadas abordagens, numa perspectiva subjetiva, levando em conta a construção mental que os sujeitos fazem a partir da percepção e vivência. Os processos socioeconômicos e culturais também são importantes de serem observados. A paisagem assume importância relevante no estudo do turismo por se tratar do principal recurso para sua existência. Por meio de pesquisa bibliográfica, buscou-se fazer uma análise do conceito de paisagem a partir dos olhares de quatro autores: Augustin Berque, Denis Cosgrove, Milton Santos e Maria Tereza Duarte Paes Luchiani, para então compreender a importância da paisagem como recurso turístico. O uso da paisagem com fins turísticos só pode ser concebido se ocorrer de maneira planejada, objetivando o mínimo impacto e com o envolvimento da população local.

Palavras-Chave: Atividade turística. Recurso paisagística. Ciência geográfica.

INTRODUÇÃO

A noção de paisagem nos remete a diferentes usos e interpretações, tanto na ciência geográfica quanto em outras áreas do conhecimento, como as artes plásticas, a fotografia, a literatura, a música, a arquitetura, a biologia, e também o seu uso no senso comum, encontrado em conversas cotidianas, jornais, revistas, sem ter obrigatoriamente um aprofundamento científico. Quem nunca leu em uma propaganda imobiliária: “Vende-se chácara com belas paisagens e um pôr do sol deslumbrante”, ou comentou durante uma viagem ao litoral: “Que linda essa paisagem!”. Como salienta Domingues (2001, p. 60), “Fora do campo disciplinar da Geografia, o uso comum da palavra paisagem tem conotações recorrentes, ora referindo-se a um sentido mais ‘naturalista’ com uma paleta variável de elementos de referência, ora mais ‘culturalista’, trabalhado no estilo literário [...]”.

Os pressupostos geográficos ao longo de sua história passaram por sucessivas transformações e encontra-se uma diversidade conceitual quando se trata da noção de paisagem dentro da ciência geográfica, sendo que a paisagem adquire na Geografia um caráter polissêmico. Variou no tempo em meio às diferentes escolas de pensamento geográfico, sempre evidenciando a dualidade entre a ideia de que paisagem é aquilo que se vê (realidade em si) e o modo como é vista (percepção da realidade) (SALGUEIRO, 2001).

Paisagem é um termo antigo, aparecendo identificado seu uso desde o século XIII, por meio das pinturas de artistas que retratavam aspectos da natureza, cenas do cotidiano e retratos em suas obras, na ornamentação de jardins, também na literatura e na música, por meio da descrição dos elementos de beleza cênica, evidenciando seu caráter estético, assim como por meio de relatos de viajantes, associando os elementos das paisagens às características de um dado território em sua tarefa de conhecer e estudar novos locais (ALVES, 2001).

¹ Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Londrina - UEL, alini_nunes@hotmail.com

Dessa forma, segundo Kiyotani (2014), diferente da ciência, a noção de paisagem no senso comum não se prende em avaliar, quantificar ou verificar os graus qualitativos, mas sim se observam as questões harmônicas e estéticas.

Conforme salientam Barbosa e Gonçalves (2014), a noção de paisagem aparece vinculada a alguns diferentes significados no decorrer da história: ao conjunto da fisionomia de uma dada área, por suas características biofísicas e humanas; como extensão de um local visível; e também como a percepção e representação que se faz de uma dada área, significando um cenário ou uma cena. Assim, a formação do conceito de paisagem pode ser atribuída a um sentido objetivo (por aspectos concretos relacionados às formas dos elementos físicos e biológicos) e/ou também a um sentido subjetivo (relacionados principalmente à representação que o sujeito faz do ambiente por meio da percepção).

Os estudos da paisagem, que antes eram bastante focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, aos poucos foram incorporando as ações humanas como pontos-chave para a mudança das paisagens, sendo considerados a partir de então como fatores principais de transformação. Ainda assim, a ideia de paisagem limitava-se essencialmente ao visual, mas que, progressivamente, houve a necessidade de buscar outros elementos para sua explicação (SALGUEIRO, 2001).

A transformação da paisagem deixa de ser estudada apenas como um processo evolutivo (pensando em tempo cronológico) e passa a ser entendida como resultado da interação entre homem-meio, considerando-se o homem como construtor e transformador das paisagens. Segundo Kiyotani (2014, p. 35), “como a paisagem já não é algo que se possa debulhar meramente em elementos físicos, a percepção também começa a aguçar os sentidos e sentimentos do observador, afinal não há como avaliar ou descrever uma paisagem sem vê-la por dentro” (grifo do autor).

Gianella (2008) ressalta que deve-se compreender a dinamicidade do conceito de paisagem pela história como uma espiral e não como ciclos que se fecham, pois, pelos caminhos que os estudos sobre a paisagem vão trilhando, as discussões que são feitas nunca se apagam por completo, já que sempre influenciam as ideias e concepções que estão por vir adiante e é dessa forma que vemos a evolução das ciências. A divergência que muitas vezes se encontra na literatura em relação à paisagem, “[...] não deve ser tomada como um empecilho ou um elemento de confusão, mas sim deve ser considerada como parte do processo de construção que está se realizando no presente.” (GIANELLA, 2008, p. 84)

Assim, paisagem é um termo apropriado e discutido pela Geografia, atribuindo-lhe tamanha importância e cientificidade, que foi estabelecido como um dos principais conceitos-chave e categorias de análise desta ciência, assim como espaço, território, região e lugar.

A principal nuance da paisagem incorporada por grande parte dos geógrafos, por muitos anos, limitou-se a ser a porção do espaço geográfico possível de se alcançar com o olhar. Nas últimas décadas, a literatura geográfica tem sido contemplada com estudos que ampliam sua dimensão, aprofundando as características das análises. Há ainda um grupo de estudiosos que identifica a paisagem como uma porção da superfície terrestre, analisando-a numa perspectiva ecológica, prolongando a tradição naturalista do

século XIX, principalmente vinculados aos estudos da Geografia Física. Assim como há um grupo de pesquisadores na Geografia Humana que analisa a paisagem numa perspectiva subjetiva, levando em conta a construção mental que os sujeitos fazem a partir da percepção e vivência. Na evolução da compreensão sobre a paisagem, outros pesquisadores passaram a atribuir à paisagem as preocupações com os processos socioeconômicos e culturais.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo foi construído por meio de pesquisa bibliográfica (livros, teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos e anais de eventos). Buscou-se fazer uma análise do conceito de paisagem a partir dos olhares de quatro autores: Augustin Berque, Denis Cosgrove, Milton Santos e Maria Tereza Duarte Paes Luchiari.

Não se pretende, neste artigo, fazer um resgate histórico dos conceitos de paisagem no tempo e tampouco discutir a origem etimológica do termo, pois, fazendo um percurso pela bibliografia geográfica sobre paisagem, pode-se averiguar que estes já foram feitos por diversos autores aqui estudados (BERTRAND e BERTRAND, 2009; CAVALCANTI, 2010/11; KIYOTANI, 2014; MACIEL e LIMA 2011; MELO, 2005; SALGUEIRO, 2001; SCHIER, 2003; SILVA, 2007, entre outros).

É importante salientar, também, que nas discussões a seguir não se pretende trilhar um caminho com uma única corrente geográfica ou mesmo um único conceito de paisagem. Ideias trazidas por Denis Cosgrove e Augustin Berque são muito bem-vindas quando se estuda a atividade turística, pois discutem questões como a percepção e a representação que as pessoas fazem das paisagens; assim como cabem também discussões trazidas de Milton Santos e Maria Tereza Duarte Paes Luchiari, que abordam outro enfoque sobre a paisagem, que também é relevante, remetendo-se aos processos de transformação da paisagem; de elementos novos e antigos numa mesma paisagem; funções, formas e conteúdo, entre outros vistos no decorrer deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paisagem segundo Denis Cosgrove

Em seu artigo “A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”, Cosgrove (1998) explica que a paisagem é uma “maneira de ver”, de harmonizar sua composição em uma “cena”, associada às transformações econômicas, sociais e políticas, além da influência de que os conhecimentos e crenças afetam o modo como se veem as paisagens.

Cosgrove (2003) propõe a integração entre o materialismo dialético e a apreensão do simbolismo das paisagens, compreendendo a paisagem geográfica nos seus aspectos objetivos e subjetivos, já que, para ele, a paisagem é resultado da forma como a sociedade a organiza a partir do modo de produção, dotando-a de significado. A paisagem teria então um componente objetivo, por ser apropriada e transformada pela ação humana, e um componente subjetivo, devido aos significados contidos na

paisagem para aqueles que “[...] a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitaram [...]” (COSGROVE, 1998, p. 109).

As paisagens sempre estiveram ligadas à cultura na Geografia Humana. E o autor faz questão de frisar que “ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda”. (COSGROVE, 1998, p. 100).

O autor propõe o estudo das paisagens de uma forma efetivamente humana, crítica e relevante, incorporando a dimensão simbólica, que possa contribuir para uma melhor compreensão da própria sociedade.

As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. [...]. Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. (COSGROVE, 1998, p. 121)

Pode-se assim pensar na paisagem como representação da identidade do lugar, pois as paisagens devem ser vistas em relação ao sujeito, aos valores que este atribui à paisagem, o que isso representa para ele. Por isso se encontra julgamento de valor entre beleza e feiúra e alegria e sofrimento. Tudo vai depender do contexto em que o observador/sujeito vive.

O ponto principal da análise da paisagem, para Cosgrove, é o simbolismo. Para ele, só é possível compreender as expressões culturais em uma paisagem se conhecermos os símbolos e seus significados nessa cultura. Segundo o autor, “todas as paisagens são simbólicas, apesar da ligação entre o símbolo e o que ele representa (seu referente) poder parecer muito tênue” (1998, p. 106). O lugar de nascimento de uma grande figura nacional, por exemplo, pode ser uma casa simples, comum, mas que possui um significado simbólico para os moradores locais e para os que a apreciam. Por esse viés é que muitas localidades, no Brasil e no exterior, acabam utilizando antigas moradias para dar lugar a pequenos museus em homenagem a personagens importantes da história, atraindo visitantes de diferentes locais. O importante, nesse caso, é o significado atribuído àquela casa e não necessariamente a construção em si.

Utilizando a cultura como premissa para as paisagens humanas, o autor relaciona a cultura de três maneiras: cultura e consciência, cultura e natureza e cultura e poder, sendo que todas essas possuem significados distintos, já que são criadas e transformadas por grupos sociais distintos.

Ao tratar sobre cultura e consciência, Cosgrove destaca que a cultura não é algo que funciona através do homem, mas sim, são inerentes à sua existência e precisam ser constantemente reproduzidas em suas ações, inclusive as não reflexivas, rotineiras, inconscientemente. As manifestações culturais só podem sobreviver se as pessoas as praticarem cotidianamente. Como está relacionado ao dia a dia das sociedades e este é mutável, a cultura não é estática. Suas transformações decorrem das suas práticas, que podem mudar em velocidades diferentes, rápidas ou de forma lenta. Ao estudar, na Geografia, as paisagens culturais, a cultura é trazida ao nível da reflexão consciente ao examinarmos as expressões

culturais. “Assim a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas” (1998, p. 102).

Apesar de nem sempre facilmente visível, às vezes pouco óbvias, qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura. Para mostrar a relação entre cultura e natureza, Cosgrove usa um exemplo interessante, cuja compreensão é bastante sutil: o tomate, um objeto natural, quando tirado do pé, é cortado e apresentado em forma de alimento humano (seja para o uso in natura, ou para fabricação de molhos e sucos, por exemplo). O objeto natural torna-se um objeto cultural, pois lhe foi atribuído um significado, uma função. Esse significado cultural não faz com que as propriedades naturais do tomate sejam perdidas (cor, peso, sabor e nutrientes continuam os mesmos). Para elucidar com outro exemplo, lembramos um símbolo da religiosidade na Índia, a vaca. Para os países ocidentais, a vaca é um objeto natural, cujo significado atribuído por grande parte das pessoas é de alimento (tanto a carne quanto o leite). Mas, para grande parte dos indianos que seguem a religião hinduísta, à vaca é atribuído o significado sagrado e o leite, sua urina e até mesmo suas fezes são utilizados em rituais de purificação. Verifica-se assim que um objeto natural pode ter também atribuições culturais diferentes.

Ao mencionar também a relação entre cultura e poder, Cosgrove (1998) evidencia que o estudo da cultura (e conseqüentemente das paisagens) está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante, em determinada sociedade, sempre irá procurar impor sua experiência e visão de mundo, suas suposições sempre como verdadeiras e válidas para todas as pessoas, tornando-se muitas vezes o próprio senso comum. “O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura” (1998, p. 105). Muito do simbolismo da paisagem reproduz as normas culturais estabelecendo os valores de grupos dominantes por uma sociedade.

Em detrimento da existência da cultura dominante, temos as culturas subdominantes (ou alternativas), que Cosgrove divide em: residuais, emergentes e excluídas. Cada uma dessas terá um impacto diferente na paisagem.

A partir da análise feita por Cosgrove, via de regra, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes. Claro que isso muda quando mudamos a escala de observação.

As culturas residuais, segundo o autor, são como paisagens relíquias. Muitos elementos da paisagem pouco têm de seu significado original, ou seja, o significado para os que os produziram inicialmente. Esses elementos nas paisagens são de grande interesse dos geógrafos e historiadores, com o objetivo de resgatar nossas origens. Como ocorre com documentos históricos, o significado original de tais elementos é de difícil recuperação.

Já no caso das culturas emergentes, segundo Cosgrove, são algumas bastante transitórias e com impacto permanente relativamente pequeno sobre a paisagem. O autor lembra o exemplo da cultura hippie dos anos de 1960 nos Estados Unidos, que divulgava um estilo de vida alternativo, desde os hábitos alimentares até a forma de encarar o trabalho e as relações sociais. Apesar de ser uma época passada, hoje

se encontram comunidades que buscam rememorar e reviver as premissas dessa cultura, como uma forma de combate à sociedade capitalista moderna, claro que em outros moldes.

Por fim, a paisagem humana possui muitos símbolos de grupos/culturas excluídas. Minorias que, como cultura alternativa, frequentemente não são vistas ou mesmo têm suas paisagens decodificadas, como “[...] o local da caravana cigana, as marcas deixadas por mendigos para indicar o caráter de uma vizinha como fonte de caridade, o grafite das gangs de rua, [...] todos estão codificados na paisagem da vida cotidiana [...]” (COSGROVE, 1998, p. 121).

Cosgrove também busca analisar, em sua obra *Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista* (2002), as conexões da paisagem com a visão e o sentido do visível. Relacionar a paisagem geográfica com o sentido da visão não é negar a importância dos outros sentidos humanos, tampouco a importância da cognição no momento de dar forma aos locais. O olfato e o ouvido podem ser muito mais potentes e imediatos em uma pessoa que a vista ao criar as respostas emocionais perante uma paisagem. Apesar da valorização da visão, há uma busca por relações entre paisagem, geografia e outros sentidos: “Las geografías de lo que se puede ver están por norma general más reguladas que las de lo que se puede escuchar, oler, sentir o saborear” (COSGROVE, 2002, p. 70). Privilegiar apenas a visão como principal meio de conhecimento do mundo desvaloriza as outras formas de experiência e cognição. Por isso o desenvolvimento de outros sentidos faz-se tão importante e, por que não, buscar aprimorá-los por meio das experiências nas atividades turísticas?

Cosgrove, baseando-se nas ideias de Berger (1972), dizendo que a ação de ver, apesar de parecer apenas fisiológica, é tão significativa quanto também é uma habilidade apreendida, afirma que os modos de ver são diferentes, devido às formas de perceber o local, como por exemplo: superfície e profundidade, proximidade e distância, já que o ato de ver é uma atividade que sofre influências culturais.

El uso del sentido de la vista está conformado tanto por imágenes vistas en el pasado, por experiencias individuales, recuerdos e intenciones como por las formas físicas y los espacios materiales ante nuestros ojos. Si bien es obvio que gran parte de la visión aprendida es personal, otra gran parte también es social, gobernada por convenciones sobre lo que se debe ver, quién lo debe ver, cuándo y en qué contexto, sobre las asociaciones y significados atribuidos a una escena dada y sobre sus propiedades formales y compositivas. (COSGROVE, 2002, p. 69)

A maneira pela qual se observam as paisagens está carregada de intencionalidades advindas de experiências que cada ser humano tem durante toda a vida, assim como por influência do meio social em que vive.

Importante ressaltar que o ser humano consegue, muitas vezes, captar muito mais do que está imediatamente visível aos seus olhos, até chegar ao significado “invisível”, não-material. Cosgrove (2002, p. 71) ainda salienta que, “La imaginación [...] encuentra expresión en el mundo de cada uno de los sentidos: en la música que se oye, en la comida que se degusta, en los movimientos corporales, perfumes olidos y en las representaciones gráficas que atraen el ojo”.

A paisagem segundo Augustin Berque

As contribuições de Berque ao estudo da paisagem são fundamentais no ponto em que critica a análise puramente objetiva (positivista) da paisagem que muitos estudiosos fazem, pois dessa forma negligencia-se como uma relação coletiva operada pela sociedade que a produz, reproduz e transforma (HOLZER, 2004).

Ao analisar objetivamente a paisagem, de acordo com Berque (1998), acaba-se tendo um distanciamento da paisagem como dimensão sensível. A análise então deve ser feita a partir do sujeito coletivo, ou seja, uma sociedade que possui em suas raízes uma história.

Em uma de suas principais obras, “Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para a Geografia Cultural”, Berque elabora conceitos que proporcionam um entendimento holístico da paisagem.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. (BERQUE, 1998, p. 84-85)

Como marca, a paisagem pode ter, como ponto de partida, seus elementos descritos como dados perceptíveis, mas a explicação deve ir além do percebido, “[...] seja por abstração [...] seja por mudança de escala no espaço [...] ou no tempo [...]”. (BERQUE, 1998, p. 85)

O estudo da paisagem não se baseia exclusivamente em explicar o que produziu a paisagem como objeto e nem descrever apenas os elementos que se observam. Para uma compreensão mais profunda, entende-se que a paisagem é vista por um olhar (esse sentido humano que nos é despertado a enxergar o que há à nossa volta), apreendida por uma consciência (que pode ser influenciada pelo meio cultural em que vivemos, nossas experiências e entendimento do mundo), julgada por uma estética e uma moral (que são ditados muitas vezes pela sociedade da época e que pode se modificar a partir das mudanças socioeconômicas e culturais do momento). E, por outro lado, a paisagem também é matriz, ou seja, ela determina esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral (BERQUE, 1998).

O que Berque enfatiza é que, ao se tratar da paisagem, não está se referindo somente à visão, mas a todos os sentidos humanos; não somente à percepção, mas sim a todas as formas de relação entre o indivíduo e o mundo, lembrando-nos de situar esse indivíduo em uma sociedade, que possui sua cultura, mas que o que cada indivíduo percebe destas relações sempre difere uns dos outros.

Além dos conceitos acima citados, Berque ainda contribui com a temática da paisagem em seu texto “Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique”. Nessa obra o autor salienta que “[...] le paysage est la manifestation sensible à une certaine échelle d'espace. Cette relation établit une unité entre le sujet et l'objet, unité dont la réalité ne peut être pensée ni comme objet ni comme sujet, mais comme trajet perpétuel entre les deux termes (BERQUE, 1985, p. 99-100).”

A paisagem segundo Milton Santos

A definição que Milton Santos atribui à paisagem é pertinente quando se pensa nas paisagens para o turismo: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. [...]. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1997a, p. 61). Muito além dos atrativos visuais, encontram-se também atrativos que despertam outros sentidos humanos, como as cores das plantações na área rural, o aroma do café sendo preparado na hora, os sons que são percebidos nestes lugares, dentre outros que serão detalhados em momento oportuno. Faz-se pertinente a ideia de Milton Santos quando ratifica a importância da percepção para apreensão da paisagem:

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato. [...] Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. [...] (SANTOS, 1997a, p. 62).

A percepção que se tem das paisagens é sempre um processo de seleção do que se apreende pelos sentidos. O contexto de cada sociedade, de cada pessoa, fará com que a forma que ela apreende a paisagem seja diferente da outra, ou seja, a forma como um cientista observa uma dada paisagem é diferente da visão que um homem comum a tem e isso será diferenciado para cada pessoa, já que depende da cultura e das vivências de cada um.

Conforme Santos (1997a, p. 66), “a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições [...]. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, [...] é uma herança de muitos diferentes momentos. [...]” A cada diferente momento da história da sociedade vão sendo criados novos objetos, com diferentes técnicas, que fazem com que muitos sejam substituídos, outros sejam mantidos, contribuindo assim para a transformação corrente das paisagens. Esses movimentos não ocorrem apenas pela necessidade de atualização das técnicas, mas também pelas condições econômicas, políticas, culturais etc., que cada sociedade vive em cada momento. Pode-se dizer que a paisagem é “[...] uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe” (SANTOS, 1996, p. 84). Não se pode deixar de mencionar que, a partir da análise de Santos,

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. [...]. Suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. (SANTOS, 1997a, p. 68)

Ao conhecer estas paisagens, “[...] desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis” (SANTOS, 1997a, p. 69). Percebemos assim que “[...] a paisagem é

transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.” (SANTOS, 1996, p. 83).

Assim, as mudanças observadas nas paisagens podem ser estruturais ou funcionais. Santos (1997a) cita um exemplo interessante, como o caso de postos de saúde, escolas, fábricas menores que se instalam em antigos casarões deixados por outras atividades, readequando-se, dentro das formas velhas, às novas funções que passarão a exercer. No Brasil, muitas fazendas de café e de outros produtos agrícolas deixaram de ser produtivas com o passar dos anos, porém assumiram novas funções, reinventaram-se, e hoje abrem suas portas para receber visitantes, para que eles conheçam um pouco da sua história. Mais uma vez, velhas formas, também chamadas pelo autor de rugosidades, dividindo espaço com novos objetos, alterando suas antigas funções e adaptando-se às necessidades da atualidade. Como salienta Santos (1997b, p. 54) “[...] a construção da paisagem converte-se em um legado aos tempos futuros”.

O estudo da paisagem pode ser assimilado a uma escavação arqueológica. Em qualquer ponto do tempo, a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos progressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas. Desse modo, as formas devem ser “lidas” horizontalmente, como um sistema que representa ser às atuais estruturas e funções. Além disso, cumpre efetuar uma leitura vertical para datar cada forma pela sua origem e delinear na paisagem as diversas acumulações ao longo da história (SANTOS, 1997b, p. 55).

Segundo Santos (1997a) existem dois tipos de paisagens: a paisagem artificial considera-se a que foi transformada pelo homem por meio das técnicas e, grosso modo, a paisagem natural é aquela em que ainda não houve intervenção humana. Mas sabemos que, com a evolução do meio técnico-científico, hoje são raras as áreas não atingidas pela ação da sociedade. Santos, tendo como referência Carl Sauer, expõe que “[...] à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica etc.” (1997a, p. 64), ou seja, a diferença entre os dois tipos de paisagens, a natural e a artificial, torna-se cada vez menor. “Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial” (SANTOS, 1997a, p. 65).

Deve-se considerar que “a paisagem é sempre heterogênea” (SANTOS, 1997a, p. 65). É um conjunto de fragmentos de formas naturais e artificiais (que também podem ser consideradas como culturais) que se diferenciam quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério que se utilize para qualificar uma paisagem. Hoje, quando se observam grandes cidades como São Paulo, Londres e Tóquio, a proporção de elementos artificiais na paisagem é tão grande que os elementos ditos “naturais” muitas vezes são difíceis de enxergar.

A paisagem segundo Maria Tereza Duarte Paes Luchiari

Por conta dos múltiplos sentidos, significados e aplicações possíveis, Luchiari (2007) ressalta que é importante ter um olhar multidimensional e conjuntivo para a paisagem, pois, segundo a autora, “a

explicação cultural da paisagem busca sua substância na relação entre objetividade e subjetividade, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo” (LUCHIARI, 2007, p. 30).

Cada vez mais a paisagem natural – aquela não modificada pela ação antrópica – vem perdendo sua representação, pois a crescente capacidade técnica da sociedade tem motivado o uso intensivo dos espaços que, contendo as marcas deixadas pela humanidade, transforma-se em paisagem cultural. A paisagem cultural é um híbrido de natureza e cultura.

Luchiari (2001) comenta que, quando se pensa em natureza antes do período técnico, remete-se o pensamento a algo mítico, ao selvagem, ao desconhecido, ao medo, tendo o homem a função de buscar a sobrevivência em meio às adversidades naturais, protegendo-se dos animais e das intempéries climáticas, bem como tendo que providenciar seu alimento. A partir do momento em que o homem deixa de ser nômade e passa a cultivar seu próprio alimento e a criar animais para seu consumo, apropriando-se da natureza a seu favor por meio de técnicas, as possibilidades de lidar com as ameaças naturais contribuem para o controle de certos fenômenos que ocorrem ao seu redor. Assim, em cada época, o imaginário social define diferentes formas de concepção da natureza, sua aproximação ou distanciamento.

Na sociedade ocidental, a concepção de paisagem emergiu no mesmo período em que a ciência arquitetava a dicotomia entre sociedade e natureza. Era preciso superar a ideia de natureza vinculada a mitos, superstições, objetivando outra forma de apreendê-la. Porém, ao separar-se da natureza, a sociedade ocidental moderna criou o conceito de paisagem, valorizando seu significado estético, ressurgindo a subjetividade da aproximação da mesma (LUCHIARI, 2001).

Os movimentos ambientalistas, sob uma ótica preservacionista, ao buscar o isolamento de ecossistemas naturais – intencionalmente ou não – intensificaram a dicotomia entre sociedade e natureza, na qual a natureza tornou-se novamente algo externo ao homem. Mas, ao mesmo tempo em que esses elementos se distanciam, há também, mais recentemente, uma valorização dos elementos naturais, reincorporando a natureza à sociedade, como se não fizessem parte daquela paisagem. Apesar de não estar intrínseco no pensamento humano, a sociedade e a natureza são indissociáveis.

A paisagem é composta por formas e conteúdo. Seu conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhes são atribuídas no desencadear da história. As práticas sociais, em cada época, materializam de diferentes maneiras as marcas nas paisagens, ou seja, são construídas, transformadas e valorizadas de acordo com as mudanças nas estruturas sociais dos grupos. Sobre isso, Luchiari comenta que “a paisagem é materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas” (2001, p. 13-14). Sendo assim, a razão simbólica, que constitui o processo de construção da paisagem, desnatura seu significado, revelando sua dimensão cultural.

A autora ainda levanta uma discussão em relação ao que alguns teóricos defendem sobre a morte das paisagens, referindo-se à transformação das paisagens naturais, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial. A dinâmica que vem ocorrendo é a transformação das paisagens tradicionais pela sociedade e a evidência do sentimento de nostalgia pelas paisagens do passado, antes mais conservadas e

próximas aos elementos da natureza e também aos modos de vida de épocas passadas. Se nem mesmo os elementos naturais são estáticos e nem a cultura e a sociedade, por que as paisagens deveriam permanecer intactas? questiona a autora.

Ora, se as paisagens são construídas socialmente (devido à valorização estética do meio pela sociedade contemporânea), elas não se esgotam, pois o que se esgota ou se degrada são os recursos naturais ou alguns determinados usos que se fazem dessas paisagens (LUCHIARI, 2000).

A intensificação da ocupação humana na superfície terrestre, com o desenvolvimento técnico-científico, permitiu a criação de facilidades e descobertas nos mais variados ramos: transportes, alimentação, vestuário, lazer e saúde, entre outros, além de permitir a expansão do conhecimento e descobrimento de paisagens nunca antes imaginadas. Essas transformações nas paisagens, intensificadas pela ação humana, em nenhum outro momento da história foram tão rápidas como nas últimas décadas. No mundo altamente tecnicista e urbanizado que se vive hoje, toda essa tecnologia beneficiou, por um lado, a população por meio de melhores condições de vida e, por outro lado, transformou a sociedade tradicional numa sociedade de consumo (graças ao apelo da mídia), urbanizada (no Brasil, mais de 80% da população se concentra nas cidades) e estressada (em razão da grande agitação do cotidiano das pessoas em busca de melhores condições financeiras).

O crescimento da busca por paisagens menos urbanizadas, com maior contato com os elementos da natureza, mostra que há uma grande necessidade do retorno a uma vida bucólica, reencontro de valores eliminados da vida cotidiana, recuperação da paz interior e vivência com pessoas cujos modos de vida são tidos como simples, como no meio rural.

No mundo contemporâneo, a sociedade tem sofrido uma crise existencial, junto à necessidade de retorno simbólico ao passado, quando a proximidade do homem aos elementos da natureza, de vivências mais tranquilas e espaços acolhedores, eram constantes. Como afirma Luchiarri (2001), o acelerado processo de urbanização e industrialização, o caos urbano, associado a uma vida estressante do trabalho e a insegurança, o ecologismo radical (levando ao extremo o isolamento da sociedade aos ambientes de contato com a natureza) e a deterioração das paisagens, invadem o pensamento da sociedade contemporânea, não deixando observar que existem paisagens cênicas e agradáveis, mesmo em meio à vida moderna em um mundo capitalista.

Essas rápidas transformações das paisagens, evidenciadas pelas dinâmicas do sistema capitalista em que vivemos, parecem transformar o tempo em algo passageiro, sem substância, superficial, sem aderência. A configuração das paisagens, por sua vez, é marcada pela mudança constante dos referenciais da vivência humana, tornando as coisas muito mais fáceis de serem esquecidas.

As paisagens encontram-se hoje cada vez mais híbridas, ou, como definida por Luchiarri (2001, p. 21), “[...] carregada de natureza e sociedade, de processos naturais e sociais; a paisagem não se esgota, não morre”. Se considerarmos que as paisagens são dinâmicas e construídas socialmente, elas não se esgotam. Passam constantemente por processos de transformação, reproduzem-se, renovam-se,

regeneram-se, por vezes mais rapidamente, em outros momentos mais lentamente, algumas vezes em caráter negativo (como a devastação de uma área indígena por ações de madeireiras, rios poluídos, lixões a céu aberto), outras vezes positivamente (como a revitalização das edificações de um bairro histórico de uma cidade ou a restauração de um casarão de fazenda da época do auge do café).

[...] Permite trazer à luz novas formas de sociabilidade, articuladas em função do processo contemporâneo de revalorização das paisagens para o lazer. Esse movimento, ao invés de contrapor o tradicional ao moderno, o lugar ao mundo, o natural ao artificial, impulsiona [...] a formação de organizações socioespaciais cada vez mais híbridas, cujas formas e lógicas antigas associadas às novas originam uma outra composição.

Há que se lembrar de que as paisagens são modeladas pelas transformações naturais e também pelo trabalho humano, em maior ou menor grau, dependendo da paisagem que se está tratando. As paisagens são, cada vez mais, providas de elementos culturais, pelas próprias práticas sociais. Ao mesmo tempo em que a ideia causa um distanciamento entre homem e ambiente, também há um processo de valorização estética da natureza e a resignificação das paisagens. Além disso, a paisagem pertence a um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente no tempo e no espaço pela percepção humana (LUCIARI, 2001). Podemos ter os mesmos elementos em uma dada paisagem, mas a percepção que um artista, um geógrafo, um arquiteto, um proprietário rural ou um turista terão desta paisagem serão sempre diferentes. A materialidade pode ser a mesma, mas a representação que se faz dela muda constantemente. Corroborando essa ideia, Besse (2006, p. 62) salienta que é preciso:

[...] fazer jus a outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e a outras práticas que [...] são investidas no território [...]. Há o olhar do cientista, o do médico, o do engenheiro, o do religioso, ou do peregrino, etc. Em cada caso, o território é afetado por qualidades paisagísticas particulares, próprias ao interesse daquele que o considera.

Muito bem-feita é a colocação de Passos (2013, p. 65) quando destaca que “[...] a demanda social por paisagem, ou mais particularmente por ‘paisagens cênicas’ é muito forte”. Sabemos que a paisagem é um recurso muito utilizado pelo setor imobiliário e também pelo setor de turismo, por exemplo. Em ambos, a imagem da paisagem tem um valor comercial elevado devido à busca das pessoas por lugares belos. Tanto na propaganda de vendas de lotes em um condomínio residencial na praia, quanto na propaganda da agência de viagens ofertando promoções de pacotes turísticos, as imagens das paisagens são oferecidas aos “compradores”.

A paisagem como recurso turístico

Estudos indicam que a paisagem é um dos principais elementos na escolha de um destino para viajar. Por isso a importância de estudar as paisagens. Pires (1999, p. 162) enfatiza que:

Se a razão de ser do turismo – aquilo que mais caracteriza este fenômeno – é o deslocamento ou movimento voluntário das pessoas de um lugar para outro no espaço, então o turismo pode ser

concebido como uma experiência geográfica na qual a paisagem se constitui num elemento essencial.

Muitos lugares são escolhidos por conta de suas paisagens, que assim se constituem em recursos turísticos com base nos valores que lhes são atribuídos. Silveira (2014) faz um apontamento importante sobre isso: um local inacessível, que não seja valorizado pelo turismo, não é um recurso turístico propriamente dito, pois, para sê-lo, precisa ser valorizado do ponto de vista da economia do turismo.

O autor ressalta também que a transformação da paisagem em recurso turístico depende do seu grau de atratividade. A partir do momento em que uma paisagem é avaliada, ela passa a ter diferentes valores de uso, que vão depender de como é a percepção/valorização do turista e dos demais envolvidos com a atividade turística.

O que constitui a paisagem como recurso turístico não é apenas sua aparência real, mas também sua imagem e representação. “[...] a paisagem como algo concreto refere-se à essência do recurso turístico, mas é, sobretudo, a imagem dela que lhe confere um novo acréscimo de valorização por parte do turismo” (SILVEIRA, 2014, p. 68).

A valorização das paisagens pelos turistas está atrelada fortemente às necessidades psicossociais de mudança do cotidiano e o que estas paisagens representam a cada um é diferente. Conforme salienta Yázigi (2002, p. 23):

[...] o que se busca, na realidade, não são unicamente paisagens, embora para muitos isso baste para seduzir muita gente. Buscam-se lugares que se revelam pelas paisagens, daí a importância que elas têm de elo entre o estranho e o mundo a ser descoberto.

A valorização das paisagens é possível em função do conteúdo simbólico do qual elas se encontram revestidas. Compreender a dinâmica dos “cotidianos” permite-nos ampliar o entendimento também sobre as motivações de viagem, pois, segundo Yázigi (2002, p. 24) “Fazer turismo não significa obrigatoriamente frequentar lugares fabricados por sua indústria, mas dirigir-se para qualquer outro cotidiano também repleto de rotinas dos outros [...]”.

Há também, muitas vezes, certa homogeneização das paisagens pelo e para o turismo, resultante da massificação dos gostos e de modismos, fruto de uma sociedade de consumo mundializada (CRUZ, 2000). Luchiari (2000, p. 122) ressalta que “a atratividade dos lugares (paisagens naturais ou construídas) precisa ser constantemente vendida, então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento”. Por essa e outras razões que será discutido no próximo tópico que o desenvolvimento da atividade turística deve ser planejado de acordo com as características do local.

Silveira (2014) levanta uma discussão importante sobre o fato de a paisagem, muitas vezes, ser transformada em simples objeto, como uma mercadoria de consumo turístico, ou seja, percebemos a descaracterização do local, principalmente pela banalização e massificação do seu uso pelo turismo. “A principal crítica a essa banalização da paisagem se refere ao fato de o turista [...] criar muitas expectativas em torno da beleza estética da paisagem e a experiência que oferece e limitar a viagem simplesmente ao consumo visual dos lugares [...]” (SILVEIRA, 2014, p. 75). Ferrara (2002, p. 71) enfatiza que:

A publicidade turística faz da exploração da imagem seu grande atrativo. [...] Se examinarmos a seleção vocabular [...] - o novo, o eletrizante, o eloquente, o exclusivo, o refinado -, observamos um conjunto de palavras destinadas a produzir sentidos e efeitos visuais de cor e brilho múltiplos [...]. A publicidade turística seleciona o que ver e, sobretudo, como ver.

Uma grande indagação feita por Milton Santos (1997d) é: “[...] como produzir, então, o turismo alternativo num mundo de mercado?”. O turismo deve levar em consideração a identidade e autonomia da população local, tendo como centro do mundo o homem e não o dinheiro, a técnica ou a natureza. Estes devem ser levados em consideração sim, mas não de maneira extremista, no qual o que predomina é a ganância, a artificialidade e o preservacionismo exacerbado. Além do posicionamento dos agentes na articulação do desenvolvimento de base local, turistas e comunidade em geral devem ter participação efetiva nesse processo: o turista buscando comungar com o morador, respeitando sua cultura e aprendendo a lidar com as diferenças, observando a face educativa do turismo; e a comunidade pela hospitalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há alguns aspectos que deve se ter em mente ao pensar a paisagem como recurso turístico: o turismo é uma atividade de grande significado econômico e sociocultural, que tem nas paisagens sua mais importante matéria-prima; a transformação da paisagem em recurso turístico depende do seu grau de atratividade e também das necessidades psicossociais dos turistas, que lhes são particulares; é fundamental que, no planejamento da atividade turística, haja um envolvimento dos moradores também na seleção dos atrativos, para que eles se sintam pertencentes ao local em que habitam.

REFERÊNCIAS

- ALVES, T. Paisagem – em busca do lugar perdido. Finisterra, Lisboa, n. 26, p. 67-74, 2001.
- BARBOSA, L. G.; GONÇALVES, D. L. A paisagem em Geografia: diferentes escolas e abordagens. *Élisée*, Anápolis, v.3, n.2, p.92-110, jul./dez. 2014.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Londres, 1972. Disponível em: <<https://paralelotrac.files.wordpress.com/2011/05/modos-de-ver-john-berger.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, L. R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- _____. Introduccion. In: BERQUE, A. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seysell: Champ Vallon, 1994. p. 5-10.
- _____. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. *Espace géographique*, tome 14, n. 2, p. 99-104, 1985.

- BERTRAND, C.; BERTRAND, G. Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2009.
- BESSE, J. M. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CAVALCANTI, A. P. B. Abordagens geográficas no estudo da paisagem. Breves Contribuciones del I.E.G., n. 22, ano 2010/11. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4055890.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-34.
- _____. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. Boletín de la Asociación de los Geógrafos Españoles, n. 34, p. 63-89, 2002.
- _____. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.
- DOMINGUES, A. A paisagem revisitada. Finisterra, Lisboa, v. 36, n. 72, p. 55-66, 2001.
- GIANELLA, L. A historicidade de um conceito: os diversos usos da paisagem ao longo do tempo na ciência geográfica. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n.18, v. 2, ano 10, p. 62-86, 2008.
- HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 55-63, jan./dez. 2004.
- KIYOTANI, I. O conceito de paisagem no tempo. Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 57, p 27-42, jan./jun. 2014.
- LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo e patrimônio natural no uso do território. In: LUCHIARI, M. T. D. P.; BRUHNS, H. T.; SERRANO, C. Patrimônio, natureza e cultura. Campinas: Papirus, 2007. p. 25-45.
- _____. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Paisagem, imaginário e espaço. São Paulo: EdUERJ, 2001. p. 9-28.
- _____. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). Olhares contemporâneos sobre o turismo. Campinas: Papirus, 2000a. P. 105-130.
- MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. Sociedade e Território, Natal, v. 23, n. 2, p. 159-77, jul./dez. 2011.
- MELO, V. L. M. de O. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2005. p. 9146-65.
- PASSOS, M. M. dos. Paisagem e meio ambiente (Noroeste do Paraná). Maringá: Eduem, 2013.
- PIRES, P. dos S. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. da (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 161-177.

- SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. Finisterra, Lisboa, ano 26, v. 72, p. 37-53, 2001.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997a.
- _____. Espaço e método. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997b.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. RA'É GA, Curitiba, n 7, p. 79-85, 2003.
- SILVA, V. de P. da. Paisagem: concepções, aspectos morfológicos e significados. Sociedade & Natureza, Uberlândia, n. 19, p. 199-215, jun. 2007.
- SILVEIRA, M. A. T. da. Geografia aplicada ao turismo: fundamentos teórico-práticos. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- YÁZIGI, E. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, E. (Org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-27.